

1. museificação e cenografia

O patrimônio pode ser comparado com o museu e com o shopping center. É uma reduplicação museográfica do mundo, seu embelezamento segundo a máscara mortuária dos lugares. O museu dá à cultura uma ordem preexistente: uma fantasia perversa da história da arte. Por sua vez, o patrimônio é a fantasia perversa da história da arquitetura e da cidade. Promove encontros sob a égide de datas e da taxionomia dos estilos: vivencia um tempo completamente falso e celebra a experiência de um olhar estético e histórico impossível. Não tem história da arte que suporte o museu! Nele, as obras são confinadas perpetuamente a uma vizinhança que lhes era estranha: nisso consiste o caráter alucinante do museu. Mas a patrimonialização-museificação não é a apoteose desse caráter alucinante da cidade? A “estetização” da cidade segundo a forma-patrimônio é a instauração da cenografia da morte, seu devir museu metastático, consciência histórica hipertrofiada. A persistência da memória que se esparrama, pegajosa, sobre os vivos: fábula da origem, história bela, imperativo moral.

A necrópole é a confirmação dos jogos de poder que se acercam do identitário. Os processos aplicados ao espaço urbano em nome de uma identidade, cujo sentido, apenas os seus novos donos podem se nutrir. Assim, a identidade associada à patrimonialização é celebração de uma atrocidade. E a beleza que ela comercializa é uma espécie de mais valia filha do engodo. O engodo, por sua vez, é apresentar uma identidade melhorada, mais “bela” e mais “genial” do que aquela “originária” – e o fim se torna origem! O patrimonialismo é monstruoso, na medida em que tudo que é corpóreo responde à lei da entropia.

2. hipermemória & cultura

A memória, sob o patrimônio, faz da história sua irmã bastarda. Aí, além do mito, o nosso delírio e paranoia. Reflexividade absoluta, mediada pela experiência histórica herdada como consciência: o que é uma coisa nunca deveria significar saber sua história, origem, desenvolvimento. A hipermemória é o excesso sem tempo, uma ficção ruim que Hegel, Marx, Nietzsche, Benjamin e Foucault nos legaram. A consciência historicizante dos modernos, infeliz e burguesa. Pois o passado que nos

tiraniza é o esteio da hipermemória, aí se fundamenta o patrimônio como distinção de classe. São as elites dominantes que rememoram e transformam as lembranças em monumentos e discursos. Nos causa espécie que agora a monumentalização tenha se tornado uma pauta política de grupos minoritários e movimentos sociais. Ou seja, aquilo que era potente culturalmente – que persistia pela sua força de intensificar o presente – e se manifestava pelo transito cotidiano de seu uso, agora, para nossa surpresa, busca a forma morta do congelamento. As novas esquerdas leram os críticos da modernidade rápido demais e sob a máscara moralizante criaram a sua própria necropolítica: fazamos as memórias das classes dominadas, dos vencidos, dos grupos subalternos para congelarmos em nossos próprios monumentos. É a era epidêmica da patrimonialização.

Eis a trama trágica da cultura: ganha sentido pela patrimonialização, e não o contrário, que seria a razão de ser do patrimônio, sua justificativa – falsa, porém. Uma comparação com a fotografia elucidará o impasse: se esta congela o instante em cena, a patrimonialização é o congelamento da cultura enquanto processo; este, seu verdadeiro sentido. O patrimônio é conduzido pela ideia de tempo da imagem. Graças a essa zona informe, na qual a indistinção passa por realidade, é possível a comparação, equivocada porém. A imagem fotográfica é eterna, enquanto o suporte lhe permite. O suporte, ao contrário, dura a vida de material que é. O falso tempo do patrimônio teatraliza o eterno. Seu tempo, porém, é outro, marcado, tem início e fim; este muito rápido. E, então, os patrimônios da humanidade conhecem o destino das coisas descartáveis, como convém ao kitsch.

3. a voz morrente

A perspectiva nietzscheana acerta quando apela ao seu metafísico sentido plástico da vida, aqui entendida enquanto cultura, definida como força constituinte e criadora. A cultura se coloca sempre contra o monumento. A revitalização patrimonialista do passado é a desvitalização do presente. O sentido ecumênico do patrimônio, como dissemos, é a rigidez, no momento mesmo que procura alcançar o imaterial. Nem o espírito lhe escapará?

Se o patrimônio e o museu, como espelho perverso da cidade, desposam a morte da cultura e a própria reação a esse estado de coisas daí provém - seja no estado larvar ou estereotipada - nos reservamos uma terceira via: uma cultura que ainda possa seduzir, mover não só o imaginário, mas corpos. E se ela, longe da rigidez, é capaz de incorporar e esquecer... então merece persistir. Hoje, imersos na emergência da morte pandêmica, só nos resta pensar a cultura como celebração das intensidades urgentes da vida.

* professores da universidade do estado da bahia